

INTROITO

caracter.: aldeia dos índios Xikrĩn

caracter.: sul do estado do Pará
amazônia oriental brasileira

A 80 km da aldeia dos índios Xikrĩn está situada a província mineral de CARAJÁS. Abriga jazidas estimadas em 30 bilhões de toneladas de ferro, manganês, cobre, ouro, níquel, [tungstênio] e outros minerais. É a maior província mineral do planeta e sua proprietária é a empresa estatal brasileira Companhia Vale do Rio Doce - CVRD.

400.000 35.000
050 72

Em meados da década de 70, em plena ditadura militar, o governo brasileiro encomendou à JAPAN INTERNATIONAL COOPERATION AGENCY (JICA) a elaboração de um plano para a exploração ~~global~~ dos recursos da ^{global} ^{national} ^{da província} CARAJÁS, destinados à exportação. Deste

mineral de

plano surgiu, em 1980, ^{para} ~~o~~ PROGRAMA GRANDE CARAJÁS que prevê investimentos da ordem de 62 bilhões de dólares para a implantação de projetos hidrelétricos, ^{minero-}metalúrgicos e agro-industriais numa área de 900 mil quilômetros quadrados, 70 por cento coberta por florestas tropicais e habitada por índios e camponeses.

Com o aval financeiro do Banco Mundial, o governo brasileiro obteve empréstimos para a implantação da primeira fase do Programa, que ^{OPFC} consistiu na construção da infra-estrutura básica: as instalações da mina e do porto exportador e a construção de uma estrada de ferro com 890 km de extensão.

O próprio Banco Mundial forneceu ao governo brasileiro um empréstimo inicial de 300 milhões de dólares e a Comunidade Econômica Européia um empréstimo de 600 milhões de dólares.

A ferrovia foi construída numa região marcada por conflitos pela posse da terra - envolvendo índios, posseiros, grileiros e fazendeiros - que já ocasionaram centenas de mortes.

Sua construção atingiu diretamente 16 povos indígenas com uma população de 15 mil índios distribuídos em 22 territórios, em sua maior parte não demarcados e invadidos por garimpeiros, empresas madeireiras e mineradoras, por fazendeiros e posseiros.

Por força de uma cláusula constante no contrato de financiamento com o Banco Mundial, o governo brasileiro foi obrigado a destinar 13 milhões de dólares para minimizar os efeitos do projeto sobre as populações indígenas da região.

Mas a maneira como estes recursos foram aplicados não garantiu a proteção dos territórios indígenas e nem o modo de vida destas populações.

Outros ⁶⁹ 44 milhões de dólares foram gastos até agora pela Companhia Vale do Rio Doce na proteção do meio ambiente. [No entanto, o governo não dispõe sequer de um zoneamento ecológico da região.]

O objetivo do Programa Grande Carajás não é o desenvolvimento regional, como vem apregoando o governo brasileiro. A ferrovia, por exemplo, é antes de tudo, um "corredor de exportação" do minério. Ela não escoia a produção dos pequenos agricultores da região. E transporta a contra-gosto e em péssimas condições a população local.

O Programa prevê ainda a industrialização acelerada de polos estratégicos ao longo da ferrovia. ^{Até maio 88} Até agora o governo brasileiro já aprovou a instalação de ¹⁶ 15 usinas de ferro-gusa e ferro-ligas. Mais 15 projetos estão em fase de aprovação.

Essas usinas utilizarão como ~~insumo~~ ^{recurso/comportável} básico o carvão vegetal, obtido a partir da derrubada de florestas nativas. Quando todas estas usinas estiverem em funcionamento irão consumir 4 milhões de toneladas de carvão por ano. Isto significará, por um lado, o desmatamento de uma área florestal de 230 mil hectares e, por outro lado, levará fatalmente os pequenos produtores de alimentos da região a se transformarem em um exército de carvoeiros.

Apesar deste quadro, as usinas de ferro-gusa estão sendo implantadas a todo vapor. A pressão dos bancos credores do Brasil exige a captação de dólares, via exportação. Na visão do governo brasileiro, Carajás é tido como a redenção do país. O custo social e ecológico pouco importa.